Redes de apoio: a diferença fez a diferença?

MARJORIE CARBONE
SONIA ALMEIDA

Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim.
CHICO XAVIER

É com muito carinho que nos propusemos dividir algumas experiências que marcaram o nosso trabalho e que nos fizeram parar e repensar como as redes de apoio podem colaborar nos atendimentos de famílias com problemas de violência.

Atualmente, questionam-se antigas tradições e valores, não aceitamos mais verdades absolutas, moralidades e padrões fixos. Vivemos grandes transformações e momentos de incertezas, conflitos e inseguranças e, no meio de todas essas novas ideias, percebemos que fica muito restrito conduzir um atendimento sem incluir redes de apoio. "*Acreditamos que o sujeito humano só sobrevive se conta com redes sociais de suporte. Nesse sentido, como profissionais, devemos ajudá-lo a descobrir e explorar recursos próprios, bem como recursos que podem existir em seus ambientes familiar e comunitário*" (Gomes e Magalhães, 2007a).

De acordo com a Norma Técnica – Prevenção e Tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes, do Ministério da Saúde (Ministério da Saúde, 2005) "*é fundamental destacar que a intervenção nos casos de violência é multiprofissional, interdisciplinar e interinstitucional. A equipe de saúde deve buscar identificar organizações e serviços disponíveis na comunidade que possam contribuir com a assistência, a exemplo das Delegacias da Mulher e da Criança, Instituto Médico Legal, Ministério Público, instituições como casas-abrigo, grupos de mulheres, creches, entre outros. O fluxo e os problemas de acesso e de manejo dos casos, em cada nível desta rede, devem ser debatidos e planejados periodicamente, visando à criação de uma cultura que inclua a construção de instrumentos de*

avaliação. É imprescindível a sensibilização de gestores e gerentes de saúde, no sentido de propiciar condições para que os profissionais de saúde possam oferecer atenção integral às vítimas e às suas famílias, como também aos agressores. Isso envolve atuação voltada para o estabelecimento de vínculos formalizados entre os diversos setores que devem compor a rede integrada de atenção a vítimas de violência para a promoção de atividades de sensibilização e capacitação de pessoas; para a humanização da assistência e ampliação da rede de atendimento; e para a busca de recursos que garantam supervisão clínica e apoio às equipes que atendem pessoas em situação de violência".

Procuramos, em nossos atendimentos, extrair o melhor de cada pessoa, colaborando com os ressignificados de suas histórias, tentando contribuir para que possam modificar o olhar dos traumas vividos e conquistar uma vida de superior qualidade.

"O desamparo vivenciado por essas famílias dificulta o desenvolvimento de estratégias básicas de solução de problemas do cotidiano" (Gomes e Magalhães, 2007b).

Vamos agora apresentar dois casos que foram atendidos no Centro de Estudos e Assistência à Família (CEAF), ONG em que trabalhamos desde 2002. Fundado em 1983, tem por objetivo o atendimento, gratuito, socioeducacional, psicológico, preventivo e terapêutico, para famílias de baixa renda. Realiza trabalho de Terceiro Setor e conta com 75 profissionais especializados, todos voluntários que, com outros associados, arrecadam recursos para a manutenção dessa instituição.

Para preservar a identidade das pessoas, usaremos nomes fictícios, sem sobrenomes.

Caso 1 – Nós e a igreja

Terapeutas: Marjorie Carbone e Sonia Almeida
Psicopedagoga: Margarida Carneiro
Supervisão: Walderez Bittencourt

Essa família, composta pelo pai Lauro (36 anos), mãe Fernanda (40 anos) e o filho Pedro Henrique (seis anos), nos foi encaminhada pela escola da criança, com a queixa de que ele estava "muito nervoso".

Lauro era carregador de caixas de frutas em um mercado atacadista e Fernanda ajudante de cozinha, em um pequeno restaurante. Na primeira sessão, vieram a mãe, o pai e o filho muito agitado. O casal brigava constantemente, o marido não bebia, mas ficava "nervoso do nada" e, quando isso acontecia, batia nela, xingava e falava palavrões pesados. Ela também o agredia nessas brigas, inclusive já havia pedido, várias vezes, para ele sair de casa, pois não os deixava dormir.

Lauro dizia que a procurava, mas ela o rejeitava. Achava que a esposa tinha outro homem, pois se recusava a conversar. Fernanda negava e dizia que em função das agressões nem conseguia pegar na mão dele. Na época dos atendimentos, estavam juntos há quase oito anos, pois decidiram unir-se porque ela engravidou, mas Lauro nunca se interessou pela gravidez, nem foi ao hospital para acompanhá-la, quando foi ter o bebê. Quando abordadas as expectativas que o casal tinha em relação ao processo terapêutico, ambos relataram o desejo comum de relacionar-se de forma tranquila, de ter uma vida familiar mais harmoniosa e sem agressões.

Pedimos para que o casal não se tocasse durante as duas semanas que se seguiriam até a próxima sessão e que pensasse no que poderia fazer como possibilidade para contribuir para a relação e que ficasse mais tempo com o filho, dando-lhe um pouco de atenção, quando chegasse do trabalho. No retorno, eles nos relataram que conseguiram dedicar-se mais ao Pedro Henrique e procuraram não brigar. Com isso, a criança melhorou na escola e já não estava tão agitada.

Como os atendimentos terapêuticos eram regulares, a cada 15 dias, Fernanda conseguiu negociar no trabalho o horário para fazer terapia e considerava-se uma pessoa nervosa, que precisava melhorar, pois só tinha o marido e o filho e queria se dar bem com os dois. Contou que era diferente, relacionava-se bem com a família de Lauro, e, também, com as pessoas, porque tinha uma família grande e aprendeu a conversar com todo mundo.

Lauro disse que se empenhava muito para passar mais tempo com a família e nos contou que teve uma infância difícil, que foi separado precocemente do convívio dos pais, criado pela avó, um passado complicado e sofrido, pois era muito espancado. Não gostava de sair de casa para visitar ninguém, preferia ir a um parque, já que não se sentia bem na casa de outras pessoas. Estava esforçando-se para mudar, mas tinha que ser devagar, aos poucos. Antes, não gostava da cunhada (irmã de Fernanda) que cuidava do Pedro Henrique, enquanto trabalhavam, nem falava com ela, mas naquele momento já conseguia conversar. Com esse jeito quieto, trabalhava há 15 anos na mesma empresa, dando-se bem com os colegas, mas evitava ficar fazendo fofoca em rodinhas de boteco. Quando saía do trabalho, ia direto para casa fazer os serviços do lar.

Já no final do atendimento, contaram-nos que tiveram uma "briguinha". Discutiram porque Lauro ficou com ciúmes da esposa, quando, no supermercado, um dos seguranças do local trouxe um guarda-chuva para levá-la até o carro e ele não gostou. Depois disso permaneceram quietos o dia todo, sem se falar. Passearam, mas quando chegaram em casa, à noite, ela disse uma frase que o irritou e ele deu-lhe um tapa. Caída no chão, ficou encolhida e quieta até ele deitar-se, só depois foi também. No dia seguinte, Lauro perguntou-lhe o porquê de estar emburrada, mas ela não respondeu e continuou calada todo o tempo. Lauro disse que não discutiram por 15 dias, mas não conseguiu entender quais os motivos para ele sentir esses ciúmes. Ele não gostava de chegar perto de nenhuma mulher e não queria que ninguém chegasse perto dela. Sabia que não deveria fazer o que fez, tentou controlar-se, mas não conseguiu, pois "o inimigo estava solto naquele dia". Argumentamos com eles sobre como poderiam conversar sobre o que estavam sentindo, esclarecer, antes de estourar uma briga e machucarem-se, além do que isto faria com que se entendessem melhor e Pedro Henrique também ficaria mais tranquilo e seguro, e todos poderiam ser mais felizes.

Em uma sessão, encaminhamos Pedro Henrique para a psicopedagoga da instituição que, em outra sala, passou a acompanhá-lo individualmente, enquanto atendíamos o casal. Fernanda falou que passaram bem, não brigaram, nem discutiram. Fizeram compras juntos e depois foram à igreja. Lauro disse que as últimas semanas foram melhores, no entanto, para entender o que precisaria mudar, gostaria que houvesse mais diálogo entre eles. Para Lauro, Fernanda, em

vez de ficar reclamando para os outros, deveria conversar mais com ele. Fernanda concordou e disse que percebeu a mudança do marido, que não a agrediu mais e que conseguiam conversar sobre o que queriam. Estavam procurando um terreno para comprar e construir uma casa, que não fosse tão perto da família dela.

Pedro Henrique também estava diferente, não falava mais palavrões. Antes, gostava de dormir na casa da tia, mas agora queria ficar com os pais e, um dia, quis dormir abraçado ao pai. Fernanda falou-nos que aconteciam coisas que nunca houve entre eles, como mais carinho e mais amor, trabalhavam para a família e gostariam que o filho tivesse uma vida melhor do que a deles. Contaram-nos como se conheceram, que começaram a namorar e ela engravidou. Ele assumiu, foram morar juntos e tinham só uma cama; lutaram e, naquele momento, já tinham tudo. No atendimento seguinte, retornaram e disseram que estavam bem, mas haviam brigado e discutido, novamente. Pedro Henrique foi para a sala de brinquedos com a psicopedagoga, enquanto o casal nos contou o motivo da discussão. Perceberam que precisavam entender melhor um ao outro, conversar mais e saber o que cada um queria, pensava e precisava. Contaram que, quando brigavam, o filho tornava-se mais nervoso e isso tinha ficado muito claro, por ocasião da última discussão. Estavam frequentando uma igreja, trabalhando muito nela e ouvindo o pastor.

Continuamos com os atendimentos separados, o casal conosco e a criança com a psicopedagoga, que passou a trabalhar com jogos, desenhos e materiais didáticos. Sempre nos reuníamos, para trocar ideias e seguir com o tratamento na mesma linha.

Em um dos nossos encontros, chegaram muito tensos, pois haviam brigado feio. Ele nos contou que chegou do trabalho, tomou banho e foi abraçá-la, mas ela o empurrou. Ficou muito bravo e colocou-a para fora de casa, sentiu-se rejeitado. Depois se acalmou, abriu a porta, ela entrou, mas ele pediu para não ser tocado. Ela disse que ficou com ódio e bateu nele, no peito. Ele revidou, com um tapa na cara dela. Não se falaram mais, trabalharam no dia seguinte e, no domingo, foram para a igreja. Percebemos que ele começava as agressões com palavras e ela com rejeição, situação que foi crescendo, até chegarem às agressões físicas, muitas vezes, tendo que chamar a polícia ou ir para um hospital. Já haviam se separado várias vezes, mas sempre voltavam. Depois dessa última briga, acharam que seria melhor a separação mesmo. Ela chorou muito na sessão, magoada, disse que sempre que se separaram nunca foi procurá-lo para voltar, era sempre ele que o fazia. Lauro afirmou que, quando ela o rejeitava, sentia-se como quando a mãe o rejeitou e teve que ficar com a avó. Saíram mais calmos do atendimento.

Notamos que, apesar dos relatos da história de cada um, dos momentos de convivência em que se descobriam com possibilidades de serem felizes, ainda persistiam os momentos de brigas, embora com espaçamentos cada vez maiores, elas se repetiam. A partir daí, começamos a perceber a identificação e o respeito que tinham pelo pastor da igreja, que fazia por merecer, pois os escutava, acolhia e, frequentemente, visitava-os. Chegou a combinar com membros da igreja para que passassem na casa deles, para que não faltassem aos cultos. Assim, começamos a incentivá-los a envolver-se mais com os trabalhos da igreja, mostrando para o casal a importância deste compromisso. Lauro sentia-se

muito útil e valorizado por esta comunidade, pois levava as frutas para os encontros e Fernanda ajudava nas atividades. O pastor, por sua vez, sempre os orientava e aconselhava a não perder as sessões de terapia.

Os atendimentos foram caminhando e, depois de várias sessões, Lauro começou a querer casar-se, mas ela resistia e dizia que quando sentisse que realmente acabariam as agressões entre eles aceitaria. Nos finais de semana, a família já saía para passear e, algumas vezes, o pai ia com o filho, só os dois, para brincar. Estavam preocupados com os limites, pois isso era uma novidade na família, em que antes tudo podia. O casal contou que Pedro Henrique estava "nota 10", na escola. Mais tranquilo, já conseguia, nos finais do dia, sair da casa da tia, sem chorar. Gostava de ficar com os pais. A partir deste momento, Pedro Henrique dizia que ficava mais com o pai, que várias vezes o levava para a escola e, nos finais de semana, saíam juntos. Fernanda trabalhava aos sábados e os dois (pai e filho) iam buscá-la no trabalho. Fernanda, que até então saía para o trabalho e quando voltava só se dedicava aos afazeres de casa, já estava encontrando tempo para, também, brincar com o filho. Um dia, contou-nos que brincaram de esconde-esconde e, além disso, encontrou, também, tempo para namorar o marido, que afirmou que se sentia muito mais feliz, pois a amava.

Lauro, além de se dedicar ao filho, passou a frequentar uma academia, na qual podia descarregar as raivas acumuladas na vida. Fizemos algumas sessões, muito produtivas, com a família toda e com a psicopedagoga. Ter os vários olhares para as questões da família foi muito importante para todos. Eles se sentiram acolhidos e cuidados. Algumas vezes, falavam-nos sobre recaídas das agressões, conversávamos com eles, pontuávamos, na terapia, sobre essas oscilações, mas notamos que estavam cada vez mais raras e menos intensas. Era principalmente perceptível por meio dos trabalhos com a criança, que mostrava, por brincadeiras e desenhos, todo o seu desenvolvimento, tanto em casa quanto na escola.

Percebíamos que, pouco a pouco, o casal comprometia-se em desvendar as bases desse relacionamento, trazendo contribuições que mostravam que pensavam e elaboravam, nos intervalos entre as sessões. Com toda a melhora que a família havia alcançado, começamos a trabalhar o final dos atendimentos e combinamos que teríamos três sessões de finalizações. Eles já nos traziam, frequentemente, que haviam passeado, tomado sorvete, brincado de bicicleta com o filho e até ido juntos levar e buscar Pedro Henrique na escola. Contaram que haviam iniciado encontros de casais na igreja.

Em uma reunião da escola, a diretora disse que Pedro Henrique não dava mais trabalho na classe, fazia as tarefas e ia muito bem. Nessas últimas sessões, o casal trouxe-nos que brigaram algumas vezes, que Lauro ainda ficava magoado com as atitudes de Fernanda, que ainda ficava muito nervosa e brava com ele, mas que estavam tentando mudar, e que em alguns momentos ele se perguntava: "Deus, o que eu estou fazendo de errado?". Disseram que estavam tentando melhorar e ficar bem em família. Vale ressaltar que, após essas melhoras, decidiram que em vez de comprar um terreno, fariam reformas na casa, transformando e ampliando, assim como estavam fazendo nas próprias vidas e que Deus estava abençoando, cada vez mais a família. Sentimos que a violência da família era decorrente da impossibilidade de se verem como pessoas dotadas de desejos, de limitações, de vontades e sonhos. Para cada elemento

do casal, a união implicava que cada qual deveria preencher a necessidade do outro, ou seja, ela deveria dar-lhe o prazer sexual sempre e quando ele desejasse, e ele deveria dar-lhe proteção, carinho e companheirismo.

Com a ausência de repertório verbal, dificuldade de organização do pensamento para expressar-se por meio da linguagem, o comportamento violento era uma das formas de manifestar desejo e raiva, diante da impotência de cada um nessa relação difícil. Na última sessão, valorizamos suas transformações, observadas por suas narrativas, e fizemos um fechamento, em que cada um pôde dizer o que levaria da terapia. Fernanda disse-nos que não ocorreria mais entre eles o que acontecia, perderam muito tempo agredindo um ao outro e que as pessoas veriam que não eram o que elas pensavam. Lauro disse que estava controlando-se, só queria ficar bem com a família e não mais arrumar problemas. Teriam a formatura de Pedro Henrique, que estava orgulhoso e feliz, pois recebera PARABÉNS da escola. Contaram que não havia mais violência entre eles e que estavam levando no coração as palavras: CARINHO, PAZ, ALEGRIA, CONHECER TERAPEUTAS, A FAMÍLIA, APRENDIZADO, FÉ, TROCAS e CRESCIMENTO.

Pedro Henrique disse que levava no coração as pipocas e os desenhos. Desenhou o CEAF, *um carro*!!!

Ficamos pensando no significado dessa frase final de Pedro Henrique e, para nós, pareceu que, naquele momento, a família já tinha um meio de caminhar sozinha. Foi um lindo trabalho em que a rede de apoio entre a terapia familiar, a psicopedagogia e a igreja funcionou muito bem.

Caso 2 – Nós e a rede de apoio

TERAPEUTAS: Marjorie Carbone e Sonia Almeida
Supervisão: Walderez Bittencourt

No primeiro encontro, participaram a mãe Geralda (37 anos) e as duas filhas Cristina (oito anos) e Norma (seis anos). Recebemos, em nossa instituição, essa família que dizia que a filha Cristina, a pedido da escola em que ela estudava, havia sido avaliada no posto de saúde, perto de casa, por uma psicóloga que a encaminhou para atendimento familiar. Ela estava apresentando comportamentos inadequados, sendo muito agressiva. Segundo a mãe, tinha crises emocionais, jogava-se no chão, engatinhava e arrancava os cabelos, inclusive apresentava várias falhas na cabeça, isso não só na escola, como em todos os lugares. Começaria a segunda série e não sabia ler. Essas atitudes começaram a aparecer depois da separação do casal, época em que a filha se tornou uma criança muito insegura e com muita dificuldade de relacionamento com o pai. Cabe lembrar que, quando o casal se separou, a Cristina estava com dois anos e nove meses e a Norma com um ano.

Na casa alugada em que moravam viviam, além das meninas, a mãe Geralda, a avó Teresa e o avô João, ambos com 62 anos, a bisavó Ana, com 85 anos, a família da irmã Gilda de 34 anos, com o marido Walter de 27 anos e o filho Ivan de quatro anos, além da outra irmã Graziela, de 32 anos, com o marido Leo e a filha Andrea, de cinco anos. Uma família com 12 pessoas. O avô João trabalhava com jogo do bicho e era alcoolista.

Geralda recuperava-se de tuberculose (ITB), não conseguia alimentar-se, estava muito magra e com depressão profunda. Orientamos para que procurasse um médico para se cuidar e tentar viver a própria vida, pois não se conformava com a separação e com o fato de o ex-marido ter-se refeito. A mãe contou que as filhas se relacionavam muito bem com o avô paterno, que, além de ajuda financeira, dava-lhes muita atenção e carinho, visitava-as todos os fins de semana, e que o pai, Ronaldo, estava noivo de Zélia e mantinha um contato distante com as filhas. Durante o atendimento, as crianças, muito tímidas, de cabeça baixa, não conseguiam olhar para as terapeutas e, muitas vezes, escondiam-se embaixo da mesa. Além disso, a mais nova começou a ter as mesmas crises da irmã.

No segundo encontro, a mãe disse-nos que as filhas haviam melhorado na escola, que o cunhado Leo tinha 15 filhos e várias famílias e que a irmã Gilda e a família haviam mudado de casa.

Muito preocupadas com o avô alcoolista, sempre em crises, procuramos redes de apoio para a internação dele. Também esclarecemos à Geralda que poderia pleitear sua aposentadoria, em virtude da doença, e sugerimos que ela pensasse em trabalhar com conserto de roupas ou buscar algum tipo de atividade remunerada, que pudesse exercer em casa.

No terceiro atendimento, soubemos que Cristina havia regredido, recusando-se a fazer a lição de casa e pegando dinheiro da mãe para levar para a escola. Norma passou a estudar na mesma escola que sua irmã, mas estava com muita dificuldade em ficar sem a mãe e a irmã na classe. A mãe exigia que as filhas pegassem as sacolinhas de "sobras" das refeições que a escola da prefeitura oferecia e as duas faziam isso, mas se sentiam muito humilhadas.

Entramos em contato com o pai, Ronaldo, que, em uma sessão com as filhas, propôs-se a ficar com elas de 15 em 15 dias e também nas férias. Estava noivo há quatro anos e pretendia incluí-las na nova relação. Acertamos com a mãe e passamos a revezar os atendimentos. Descobrimos que, quando as meninas ficavam com o pai, não havia "birra", pois relataram que havia regras e hora para tudo, o que não acontecia quando com a mãe. Ele disse que estava muito feliz em estar com elas, conhecê-las melhor, mas que também colocava limites. Combinou que passaria a ficar com elas e a noiva, juntos. Geralda, nos encontros, dizia que não conseguia dar esses limites para as filhas, nem mesmo comer, estava sentindo-se pior, além de não ter forças para procurar emprego. Parecia que não queria sarar! Chegamos a pensar que precisava da doença como fuga, para criar armadilhas de vítima. Faltaram em algumas sessões por não terem dinheiro para o transporte, mesmo recebendo os vales oferecidos pelo CEAF.

Percebemos as dificuldades da mãe em aceitar as mudanças do relacionamento das filhas com o pai. Um dia, Norma, que ficou muito apegada ao pai, pegou piolho e a mãe cortou-lhe o cabelo tão curto que ela passou a usar gorro ou lenço, pois ficou muito envergonhada. Não estava bem, porque as crianças da escola a chamavam de menino. Passamos a trabalhar a história da Geralda, que nos contou que foi criada pelo avô paterno, a pessoa de quem ela mais gostou. Ele era zelador de um prédio e morreu quando ela estava com 11 anos. Depois disso, passou muita fome. O pai nunca foi responsável, sempre bebeu muito e não deixava a mãe dela trabalhar.

Nessa fase do atendimento, Geralda pediu o desarquivamento do processo de pensão alimentícia e decidiu que queria processar o ex-marido, por perdas e danos. Depois disso, a relação entre eles piorou, Ronaldo e a família afastaram-se um pouco. Com isso, Cristina voltou a ter crises, chorou, ficou muito nervosa, agrediu a irmã e disse que queria morrer. Muito dispersa na escola, não aprendia nada, relatou-nos a professora, quando ligamos. Descobrimos que o avô materno, totalmente descontrolado, continuava bebendo e agredindo muito as crianças. Segundo a mãe, ele se negava a fazer qualquer tratamento.

Nessa etapa, Geralda já admitia que passou muito tempo culpando Ronaldo e os avós paternos pelas dificuldades das filhas, mas conseguia entender que os problemas da casa dela é que geravam tudo isso. Quando conheceu Ronaldo, ele era amigo de sua irmã mais nova e apaixonado por ela. Passaram a ser amigos e, depois de um tempo, começaram a namorar. No ano seguinte, ficou grávida e perdeu o nenê, com um mês e meio de gravidez. Ela disse que ele bebia, fumava e fazia dívidas que não pagava. Contou-nos que até aquele momento não entendia a razão pela qual o marido separou-se dela, apesar de nunca terem tido uma casa juntos, pois ele só passava os fins de semana na casa dela. Só após o nascimento de sua filha Cristina é que ele morou lá, mais ou menos um mês. Depois disso, saiu da casa, mas ia todos os dias visitá-las. Afirmava que Ronaldo era muito prestativo e tinha muita afinidade com a avó materna dela.

Nessa fase dos atendimentos, Norma estava fazendo xixi na calça e na cama. Geralda relatou que o tio Leo apavorava muito as duas filhas. Procuramos fortalecer essa mãe, para que ela pudesse proteger-se e estender essa proteção para as meninas. Durante nossos encontros, continuava queixando-se que as filhas não a respeitavam, gritavam muito, falavam palavrão, os mesmos que elas ouviam do avô materno. As três ficavam, a maior parte do tempo, trancadas no quarto delas e as meninas faziam lição em cima da cama; Cristina estava brigando muito com o avô. Geralda contou que aos sábados, das 19h às 22h, funcionava, em uma das salas da casa em que moravam, um centro espírita, mas as meninas não participavam, pois normalmente estavam com o pai ou dormindo. Ela era irmã de santo e ajudava a mãe de santo nos trabalhos com as entidades que incorporava. Não queria mais fazer isso, porém não tinha coragem de dizer para a irmã, que era a ajudante do dirigente do centro espírita.

Continuamos com o trabalho da história de Geralda, que contou que seu maior problema de vida era o próprio pai, que não gostava dela e a ofendia muito. Até os 10 anos, ele era seu ídolo. Com 11 anos, depois da morte do avô, ela começou a trabalhar e a enxergá-lo. Nesse dia, ela estava com tosse bem carregada, parecia uma pneumonia, além de muito magra e fraca. Depois disso, alegando problemas de saúde, Geralda afastou-se do processo terapêutico, por um período de quatro meses.

Após esse período, retornaram: Cristina andava chorando muito e Norma cada vez mais rebelde. Pedimos que participassem, também, da terapia comunitária que o CEAF oferecia, já que nossos encontros eram somente de 15 em 15 dias. O avô paterno continuava pegando as meninas para passear. Um dia, comprou roupas e sapatos e, à noite, foram para a casa do pai, que havia preparado uma festa de aniversário surpresa para Norma.

Geralda emagreceu mais, pois não conseguia comer e dizia que as coisas continuavam do mesmo jeito. Desqualificou o trabalho das terapeutas, afirmando que terapia não servia para nada e que não queria mais continuar. Pedimos que as crianças, que estavam bem, fossem para outra sala onde fizeram desenhos.

Esclarecemos que estava sendo uma escolha dela, que nós havíamos atendido ao pedido inicial, que sentíamos que as crianças começavam a produzir melhor na escola e passavam os fins de semana com o pai a cada 15 dias. Cristina já havia começado a ler e Norma passara a falar bastante, inclusive dançando em um dos nossos encontros. Apontamos que não poderíamos trabalhar com ela, se não quisesse. Estávamos lá para tentar ampliar as possibilidades e poder construir, juntas, outras maneiras melhores de relacionamento com os outros.

978-85-4120-274-9

Na época, pensávamos que isso acontecera, porque a mãe ficou enciumada com o relacionamento do pai com as filhas, iniciando um processo de brigas com a família dele. Falamos sobre como o avô materno, alcoolista, agredia de todas as formas, era muito violento e quanto, para ela, era difícil proteger as filhas, já que também era uma vítima dele. Apontamos que o cunhado Leo era uma pessoa instável, que não se mantinha em nenhum trabalho, nem nos relacionamentos e que já possuía 15 filhos fora da atual relação. Pedimos que ela refletisse a respeito. Na avaliação dos nossos encontros, a mãe queixou-se que a filha mais nova, depois da terapia, passou a falar muito, sem se importar se machucaria as pessoas, ou não, dizendo tudo o que sentia; a mais velha ficou mais carinhosa e não tão dura com ela, como era antes. Foi o último encontro dessa primeira fase.

Tentamos entender por que todas as mulheres que viviam naquela casa, juntas, não conseguiam livrar-se dos dois homens problemas da família. Por que elas acreditavam que quem gritava e xingava poderia fazer o que queria e mandar em tudo? Após um ano do encerramento da terapia, a mãe procurou novamente nossa instituição e contou que as meninas haviam regredido muito, desde que pararam com os nossos encontros; haviam piorado na escola e a coordenadora dissera que estavam desatentas e que precisavam de tratamento psicológico. As duas não queriam mais ir à escola nem tomar banho. Cristina só chorava, estava muito agressiva e só faltava bater na mãe, parecia ter regredido cinco anos. Norma voltou a ficar calada e triste, a chupar chupeta, engordou bastante e afirmava que os tios viviam chamando sua atenção. Eles eram espíritas, criticavam as três que frequentavam a igreja católica e não as deixava assistir TV.

O pai de Geralda continuava bebendo muito, caía na rua, batia muito nela e quando Cristina ia defendê-la era também agredida. Ela já tinha ido à delegacia fazer boletim de ocorrência. Soubemos que tanto o Ronaldo, como a família dele se afastaram, em função das brigas com Geralda. As meninas disseram que viajaram com a avó paterna, Lia, no mês de novembro anterior, mas que depois disso não se falaram mais. Natal e Ano Novo passaram e eles só mandaram os presentes. Geralda contou que, no aniversário de Norma, ela precisou ligar para o Ronaldo e pedir-lhe para que ele e a família cumprimentassem a filha. Eles assim o fizeram e, no dia seguinte, o avô passou lá e deixou um presente para a neta. A mãe achava que as filhas se sentiam rejeitadas.

Contou que Ronaldo estava desempregado, mas depositava dinheiro para as meninas, enquanto estava trabalhando. Percebemos que Cristina não conseguia ficar de cabeça erguida e evitava olhar para nós. A mãe continuava magra e tossindo. Notamos as crianças com os mesmos sintomas anteriores, regredidas emocionalmente, inseguras e assustadas. Diante desse quadro, o atendimento terapêutico das meninas passou a ser realizado separadamente. Enquanto conversávamos mais com Geralda, elas eram atendidas em um espaço particular para terem a oportunidade de se expressarem, serem acolhidas e compreendidas. Foi nesse novo contexto que Cristina contou que o avô materno a violentava sexualmente. As intervenções no sentido de auxiliarmos a mãe a sair da casa de sua família não encontraram eco.

Na segunda sessão desse retorno, vieram Ronaldo e as filhas, pois a avó paterna de Geralda havia falecido. Era dela o principal rendimento e a família passou a contar somente com o salário da irmã mais nova, que trabalhava como auxiliar de dentista, e com a execução de pequenos serviços que a própria Geralda conseguia fazer.

Pedimos novamente para as crianças ficarem no espaço criado para elas e contamos ao pai todos os problemas pelos quais as crianças estavam passando. Relatamos que, segundo Geralda, desde que pararam a terapia, as meninas regrediram muito: Cristina voltou a bater com a cabeça na parede e Norma voltou a ficar calada e totalmente parada. Falamos sobre as violências físicas e abusos sexuais pelos quais as filhas dele estavam passando e apontamos que a mãe já havia feito boletim de ocorrência. Terminamos dizendo que o caso dessa família era um problema de ordem social e jurídica e que Ronaldo deveria assumir seu papel de pai, pois, se não houvesse uma atitude da parte dele, oficializaríamos uma denúncia ao Conselho Tutelar, porque não poderíamos ser coniventes com esses abusos. Ele pareceu muito surpreso e, comovido, comprometeu-se a tomar todas as atitudes possíveis para a solução do problema das meninas e que pediria ao juiz a guarda das filhas.

Colocamo-nos à disposição para a confecção de um relatório, ou para tudo o que a família precisasse, para que as crianças ficassem protegidas. Depois de um mês, fomos surpreendidas com um telefonema de Geralda, pedindo ajuda, pois as filhas continuavam apresentando os mesmos problemas e estavam com muitas dificuldades na escola. O pai não havia tomado nenhuma providência. Vimos, então, a necessidade de efetivar a denúncia ao Conselho Tutelar, para que fossem tomadas as atitudes de proteção das crianças. Pensamos nesse órgão, pois a sua principal função é a garantia dos direitos das crianças e adolescentes, apesar de não integrar o judiciário, ou seja, não ser de atendimento direto, como um abrigo. Suas atribuições estão definidas no artigo 136, do ECA.

Sabíamos que a mãe não tinha condição física, financeira e emocional para cuidar de suas filhas e, por isso, informamos a essa entidade, que as crianças poderiam ficar com a família do pai ou com a família da irmã, Gilda, que vivia com mais estrutura em uma casa separada. Depois de três meses, entramos em contato com o Conselho Tutelar, que nos informou haver notificado a mãe e o avô materno. Apenas ela compareceu e confirmou tudo o que havíamos contado. Eles notificaram, novamente, o avô. Depois de um mês, solicitamos, por meio de carta, um encontro com os responsáveis do Conselho Tutelar, que nos respondeu encaminhando, novamente, mãe e filhas para atendimento, em

virtude de elas, junto com a avó materna, terem comparecido lá e contado que o avô havia deixado a casa fazia três meses e morava no interior do estado de São Paulo. Geralda declarou que, depois disso, as filhas estavam bem: Cristina fazendo recuperação escolar e Norma já aprovada e de férias.

Depois do período de férias, fomos surpreendidas com o retorno delas, revoltadas, dizendo que havíamos estragado suas vidas. As meninas foram intimadas pelo Conselho Tutelar e, para comprovar que não foram abusadas sexualmente, precisaram passar por vários exames, realizados depois de o avô ter saído da casa e não restar qualquer vestígio do que haviam sofrido. Sentiram-se invadidas, muito tristes e humilhadas.

A partir desse envolvimento com o Conselho Tutelar, o caso foi tomando rumo desastroso, caracterizado por incompetência e completo desconhecimento dos riscos psicológicos da exposição incestual. O fato de não ter havido sinais de danos físicos, após exame pericial, não diminuiu a gravidade da exposição. A mãe e as filhas sentiram-se traídas, disseram que, por não mais confiar nas terapeutas, desistiriam de nos encontrar. Ficamos espantadas com a atitude tomada pelos elementos do Conselho Tutelar da região, já que deveriam ter zelado e protegido as crianças em vez de expô-las a uma situação dolorosa e constrangedora, em um momento que não serviria para mais nada, em função do tempo decorrido.

Depois do acontecido, informamos a esse órgão o encerramento do caso, após recebermos um comprovante de internação do avô, em uma instituição onde ficaria 10 meses em tratamento. Esse foi o mais frustrante caso atendido por nós, terapeutas, em todos esses anos, pois pedimos ajuda, mas as pessoas envolvidas não entenderam a gravidade da situação e atuaram de forma inadequada. Em virtude disso, o prosseguimento do nosso trabalho ficou comprometido. Havíamos perdido o vínculo necessário para que pudéssemos dar continuidade ao tratamento.

Considerações finais

Escolhemos esses dois casos, em função da pergunta que fizemos como título do trabalho: Redes de Apoio: a diferença fez a diferença?

No primeiro caso, contamos com o apoio e o envolvimento de uma igreja evangélica, de seu pastor e alguns membros, além da psicopedagoga do CEAF. Essa rede formou uma parceria, complementou nosso trabalho com atitudes efetivas na família. Pensamos que o "sucesso" foi obtido por termos encontrado pessoas dispo-níveis, que entenderam o propósito do trabalho: unir forças para dar contenção à violência doméstica.

O esforço do pastor, incentivando o casal a continuar com a terapia, ao mesmo tempo em que as terapeutas validavam a importância do papel dessa igreja como um lugar que possibilitava a ampliação da rede social, a convivência da família e uma contenção à violência, foram fundamentais para a transformação obtida. O trabalho da psicopedagoga com a criança ajudou o aprendizado e ampliou as formas de expressão que só se davam por meio da agressão. Para Barreto "a consciência do outro propicia o surgimento de condutas solidárias e participativas por parte do sujeito, o que contribui para a construção de uma sociedade mais solidária, mais humana" (Barreto, 2005).

No segundo caso, envolvemos o Conselho Tutelar da região e, infelizmente, naquele momento, houve falhas nos procedimentos dos membros que atuavam naquele órgão, normalmente constituído por cinco membros, escolhidos pelos cidadãos de cada região, para um mandato de três anos. Nesse caso, a rede de apoio não fez a diferença que esperávamos.

Com esse trabalho, pudemos entender, ainda mais, que tentar ignorar os fatos, colocar pedras, não ressignificar, só gera mais sofrimento. Os segredos e suas mentiras são usados simplesmente para tentar enganar e manipular. Quando nos damos conta de que uma criança vivenciou qualquer tipo de abuso, sabemos que ela está passando por estados de angústia e aflição que poderão gerar traumas difíceis de serem superados, muitas vezes desencadeando vários tipos de perturbações.

Achamos importante apontar que, normalmente, as pessoas que passaram por experiências de abuso, quando crianças, adquirem mecanismos de defesa ou estratégias para adaptar-se às violências que, em geral, acontecem na própria casa, praticadas por pais ou familiares.

É muito difícil o enfrentamento direto com os abusadores que, certamente, negam, restando, muitas vezes, como alternativa, o fingir que nada está acontecendo ou acreditar que esse tipo de coisa é uma situação normal e natural.

Salientamos que, muitas vezes, as crianças não entendem o que está acontecendo e passam por uma confusão de sentimentos, que variam entre negação, medo e vergonha, misturados com ódio, amor, admiração, compaixão e repulsa.

Outro ponto que gostaríamos de registrar é o mito de que, quando não houve penetração, não houve abuso. Qualquer toque indevido é abuso. Existem casos de pessoas que dizem que "não foi abuso, porque não houve penetração". Os sentimentos de terem sido abusadas, violentadas ou sujas estarão sempre presentes e poderão contribuir na maneira de como as pessoas se relacionam com o mundo, mesmo que consigam superar o trauma e ter uma vida mais tranquila. Quando uma pessoa busca ajuda especializada, pode obter, dessa experiência traumática, algo de bom, transformando sua vida, conquistando novos caminhos, chegando até mesmo a reconhecer que, além das cicatrizes recebidas, é possível até herdar, da família de origem, qualidades, que serão importantes para a reconstrução da própria vida.

Concordamos com a afirmação de Sluzki de que "*muitas das crises que desencadeiam condutas interpretadas como enfermidades físicas ou emocionais têm como ponto de partida uma ruptura da rede social do indivíduo. Entende-se por rede social um conjunto de relações pessoais da vida de um indivíduo*" (Sluzki, 1997). Com um trabalho interdisciplinar e redes de apoio, normalmente os pacientes conseguem resgatar a autoestima e, principalmente, a autoconfiança.

"*A partir dessa reflexão, ressaltamos, portanto, a importância de situarmos nossas ações profissionais nas perspectivas de solidariedade, de resgate da cidadania, de valorização da vida e de opção de liberdade. Desse modo, nossa abordagem terapêutica é familiar e comunitária, pois trabalhamos com o humano sua relação com o seu espaço coletivo*" (Gomes e Magalhães, 2007a).

Para fecharmos este capítulo, pensamos que diversas são as maneiras de obter apoio para a solução de um problema e, às vezes, este apoio pode surgir de maneira inesperada, como pela denúncia contida na letra de um samba-enredo apresentada, em fevereiro de 2006, pela escola de samba de São Paulo, Águia de Ouro, ala 11, a qual, além de muito corajosa, tratava, de uma maneira delicada, o abuso e a violência familiar.

Vi num rosto de criança
A esperança, a inocência no olhar.
Entre magias e contos de fadas
Sonhos a realizar.
Mas todo encanto se perdeu
Ao perceber um mundo de horror
Sofrendo exploração
Abusos no seu lar,
Obrigada a oferecer prazer carnal
E ver o lobo mau
"Comer" a vovozinha
De olho na menininha.
O pirata então chegou
Com riquezas encantou, enfeitiçou,
Levando assim, em suas mãos,
Nossas crianças com destino à perdição.
Pedofilia é covardia e eu digo não.
Na internet quero amor, educação.
Não tem desculpa não.
Denúncia é a solução.
Pra quem tem culpa,
Sofre a punição.
Eu quero ver enfim o meu Brasil feliz.
E nessa festa brincar, cantar, sorrir.
Hoje a Pompéia vai te enlouquecer,
A Águia de Ouro é Fogo!!!
Caio no meu samba, vamos festejar, alertar.

REFERÊNCIAS

BARRETO, A. P. **Terapia comunitária passo a passo**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Prevenção e Tratamento dos Agravos Resultantes da Violência Sexual Contra Mulheres e Adolescentes: Normas e manuais técnicos, Série Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos**, Caderno n. 4, Brasília, DF, 2005.

GOMES, L. A.; MAGALHÃES, A. S. Ampliando e fortalecendo as redes sociais de famílias de baixa-renda em situação de adoecimento infantil. **Pensando Famílias**-Revista do Centro de Terapia de Casal e Família Domus, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 98, 2007a.

GOMES, L. A.; MAGALHÃES, A. S. Ampliando e fortalecendo as redes sociais de famílias de baixa-renda em situação de adoecimento infantil. **Pensando Famílias**-Revista do Centro de Terapia de Casal e Família Domus, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 87, 2007b.

SLUZKI, C. E. De como a rede social afeta a saúde do indivíduo e a saúde do indivíduo afeta a rede social. In: SLUZKI, C. E. **A rede social na prática sistêmica:** alternativas terapêuticas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.